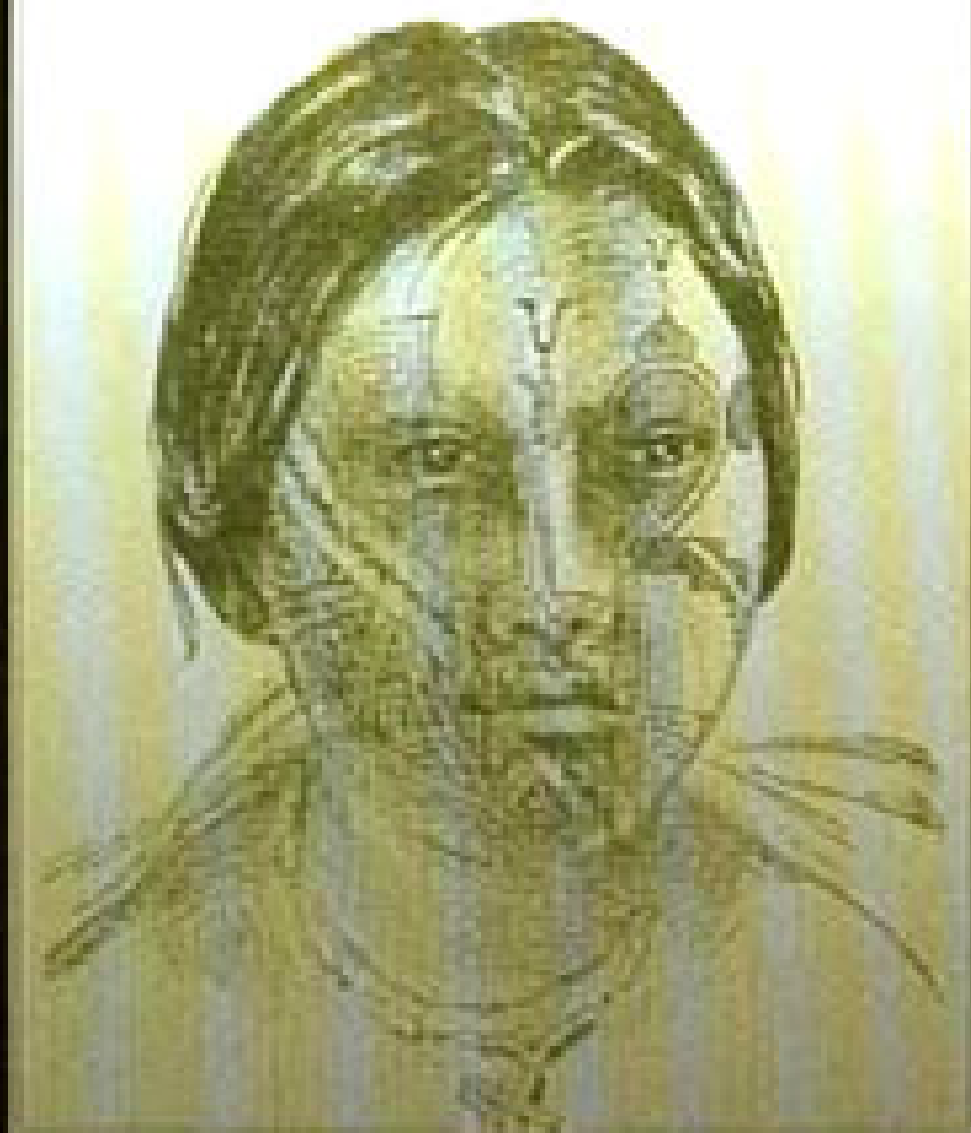
CLAUDE LÉVI-STRAUSS

TRISTES TRÓPICOS

edições 70

C. LÉVI-STRAUS

TRISTES TRÓPICOS

TRADUÇÃO DE
WILSON MARTINS
revista pelo autor

EDITÔRA ANHEMBI LIMITADA
SÃO PAULO
1957

Para

LAURENT

Nec minus ergo ante hæc quam tu cecidere, cadentque.

LUCRÉCIO,
De Rerum Natura, III, 969.

XI

SÃO PAULO

Um espírito malicioso definiu a América como um país que passou da barbárie à decadência sem ter conhecido a civilização. Poder-se-ia, com mais justeza, aplicar a fórmula às cidades do Novo Mundo: elas vão do frescor à decrepitude, sem parar na madureza. Uma estudante brasileira veio a mim em lágrimas, depois da sua primeira viagem à França: Paris lhe parecera suja, com os seus edifícios enegrecidos. A brancura e a limpeza eram os únicos critérios de que dispunha para apreciar uma cidade. Mas essas férias fora do tempo a que convida o gênero monumental, essa vida sem idade que caracteriza as mais belas cidades, tornadas objeto de contemplação e de reflexão, e não mais simples instrumentos da função urbana — as cidades americanas jamais ascendem a isso. Nas metrópoles do Novo Mundo, seja Nova Iorque, Chicago ou São Paulo, que se lhe costuma comparar, não é a falta de vestígios que me choca; essa ausência é um elemento de sua significação; ao contrário dêsses turistas europeus que se amuam por não poder acrescentar às suas observações outra catedral do século XIII, eu me regozijo de me adaptar a um sistema sem dimensão temporal, para interpretar uma forma diferente de civilização. Mas é no êrro inverso que caio: já que essas cidades são novas, e tiram dessa novidade seu sêr e sua justificação, mal lhes perdôo não continuarem a sê-lo. Para as cidades européias, a passagem dos séculos constitui uma promoção; para as americanas, a dos anos é uma decadência. Porque elas não são apenas recém-construídas: são construídas para se renovar com a mesma rapidez com que foram erguidas, isto é, mal. No momento em que se levantam os novos bairros, quase não são elementos urbanos: brilhantes demais, demasiadamente novos, exageradamente alegres para isso. Lembrariam antes uma feira, uma exposição internacional, edificada para alguns meses. Depois

dêsse prazo, a festa termina e êsses grandes enfeites perecem: as fachadas descascam, a chuva e a fuligem aí traçam seus riscos, o estilo cai de moda, o ordenamento primitivo desaparece sob as demolições impostas, paralelamente, por uma nova impaciência. Não são cidades novas contrastando com cidades antigas; mas cidades com ciclo de evolução muito curto, comparadas a cidades de ciclo lento. Algumas cidades da Europa adormecem devagarzinho na morte; as do Novo Mundo vivem febrilmente numa doença crônica; perpètuamente jovens, nunca chegam a ser, entretanto, sãs.

Visitando Nova Iorque ou Chicago em 1941, chegando a São Paulo em 1935, não foi pois a novidade que primeiramente me espantou, mas a precocidade dos estragos do tempo. Não me surpreendeu que faltassem dez séculos a essas cidades, mas me impressionou que muitos dos seus bairros já tivessem 50 anos; que mostrassem, sem constrangimento, tantas marcas vergonhosas; já que os únicos atavios a que poderiam pretender seriam os da juventude, fugitiva para êles como para os vivos. Ferragens, bondes vermelhos como veículos de bombeiros, bares de acaju com balcão de latão polido; depósitos de tijolos em ruelas solitárias nas quais sòmente o vento varre a sujeira; paróquias rústicas junto a escritórios e bôlsas em estilo de catedral; labirintos de imóveis esverdeados a pique sôbre abismos entrecortados de trincheiras, de pontes giratórias e de passadiços; cidade crescendo incessantemente em altura pela acumulação de seus próprios escombros sustentando as construções novas: Chicago, imagem das Américas, não é surpreendente que em ti o Novo Mundo cultive a lembrança dos anos 1880; pois a única antiguidade a que êle pode pretender, em sua sêde de renovação, é essa modesta diferença de meio século, curta demais para servir ao julgamento de nossas sociedades milenares, mas que lhe dá, a êle que não pensa no tempo, uma miúda possibilidade de se enternecer sôbre a sua juventude transitória.

Em 1935, os paulistas se gabavam do ritmo de construção em sua cidade; a média de uma casa por hora. Tratava-se, então, de palacetes; asseguram-me que o ritmo continua o mesmo, mas para os grandes edifícios. A cidade desenvolve-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição. Dizem, mesmo, que a gente se arrisca, indo de táxi a um encontro combinado algumas semanas antes, a chegar com um dia de avanço sôbre o bairro. Nessas condições, a evocação de lembranças de

quase 20 anos atrás assemelha-se à contemplação de uma fotografia fenecida. Pelo menos, ela poderá oferecer um interêsse documental; derramo os fundos de gaveta de minha memória nos arquivos municipais.

Descrevia-se então São Paulo como uma cidade feia. Sem dúvida, os imóveis do centro eram pomposos e fora de moda; a indigência pretensiosa de sua ornamentação era ainda agravada pela pobreza das fundações: as estátuas e guirlandas não eram de pedra, mas de estuque lambuzado de amarelo para fingir pátina. De uma maneira geral, a cidade mostrava êsses tons graves e arbitrários que caracterizam as más construções, cujo arquiteto se viu obrigado a recorrer à caiação tanto para proteger como para dissimular o substrato.

Nas construções de pedra, as extravagâncias do estilo 1890 são parcialmente desculpadas pelo pêso e pela densidade do material: elas se situam no seu plano de accessório. Enquanto que aí, essas intumescências laboriosas evocam sòmente as improvisações dérmicas da lepra. Sob as côres falsas, as sombras ficam mais escuras; ruas estreitas não permitem a uma camada de ar demasiado fina "criar atmosfera" e disso resulta um sentimento de irrealidade, como se tudo isso não fôsse uma cidade, mas um simulacro de construções apressadamente edificadas para as necessidades duma "tomada" cinematográfica ou duma representação teatral.

E, contudo, São Paulo jamais me pareceu feia: era uma cidade selvagem, como o são tôdas as cidades americanas, com exceção talvez de Washington, nem selvagem, nem domesticada, esta última, mas antes cativa e perecendo de tédio na gaiola estrelada de avenidas por detrás da qual Lenfant a prendeu. Quanto a São Paulo, era, então, indômita. Construída originàriamente num terraço em forma de espora apontando para o norte, na confluência de dois pequenos rios, o Anhangabaú e o Tamanduateí, que se jogam um pouco mais abaixo no Rio Tietê, afluente do Paraná, foi uma simples "redução" de índios: centro missionário em tôrno do qual os jesuítas portuguêses se esforçaram, desde o século XVI, por agrupar os selvagens e iniciá-los nas virtudes da civilização. Nos taludes que descem para o Tamanduateí e que dominam os bairros populares do Brás e da Penha, subsistiam ainda, em 1935, algumas ruelas provinciais e largos: praças quadradas e ervosas, rodeadas de casas baixas com teto de telhas e pequenas janelas gradeadas, pintadas a cal, tendo de um

lado uma igreja paroquial austera, sem outra decoração senão o arco cortando o frontão barroco na parte superior da fachada. Muito longe, para o norte, o Tietê alongava os seus meandros prateados em várzeas — pântanos que se transformam pouco a pouco em cidades — rodeados de um rosário irregular de arrabaldes e de loteamentos. Imediatamente atrás, era o centro comercial, fiel ao estilo e às aspirações da Exposição de 1889: a Praça da Sé, a meio caminho entre a construção e a ruína. Depois o famoso Triângulo, de que São Paulo era tão vaidoso quanto Chicago do seu Loop: zona de comércio formada pela intersecção das ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro: vias congestionadas de placas em que se espremia uma multidão de comerciantes e de empregados proclamando, nas suas roupas escuras, a fidelidade aos valores europeus ou norte-americanos, ao mesmo tempo em que seu orgulho dos 800 metros de altitude que os libertava dos langores do trópico (o qual passa, entretanto, em plena cidade).

Em São Paulo, no mês de janeiro, a chuva não "chega", ela se engendra da umidade ambiente, como se o vapor dágua, que embebe tudo, se materializasse em pérolas aquáticas, caindo pesadamente, mas freiadas, dir-se-ia, por sua afinidade com tôda essa bruma através da qual escorregam. Não é, como na Europa, uma chuva em riscas, mas um cintilamento pálido, feito duma multidão de pequenas gotas dágua que degringolam numa atmosfera úmida: cascata de caldo claro com tapioca. E também não é quando a nuvem passa que a chuva cessa, mas quando o ar se desembaraçou suficientemente, pela punção pluvial, no próprio local, do seu excesso de umidade. Então o céu se aclara, entrevê-se um azul muito pálido entre as nuvens loiras, enquanto torrentes alpestres escorrem pelas ruas.

Na ponta norte do terraço, gigantescas obras se iniciavam: as da avenida São João, artéria de muitos quilômetros que se começava a traçar paralelamente ao Tietê, seguindo o percurso da velha estrada do norte para Itu, Sorocaba e as ricas plantações de Campinas. Prêsa por seu início à extremidade da espora, a Avenida descia pelos escombros de velhos bairros. Deixava, primeiramente, à direita, a rua Florêncio de Abreu, que conduzia à estação, entre bazares sírios, que aprovisionavam todo o interior em quinquilharia, e tranqüilas oficinas de seleiros e tapeceiros onde se continuava — mas por quanto tempo? — a fabricação das bonitas selas de couro trabalhado, dos cochonilhos para cavalos em grossos tecidos

de algodão, de arreios decorados de prata lavrada, para uso dos plantadores e dos peões do sertão tão próximo. Depois, a Avenida passando ao pé de um aranha-céu — então único e inacabado — o róseo Prédio Martinelli, enfiava pelos Campos Elíseos, outrora residência dos ricos, onde palacetes de madeira pintada se desfaziam em jardins de eucaliptos e mangueiras; a popular Santa Ifigênia, enquadrada por um bairro reservado, de pardieiros com porão alto, de onde as mulheres chamavam os clientes pelas janelas. Enfim, nos extremos da cidade, progrediam os loteamentos pequeno-burgueses de Perdizes e da Água Branca, fundindo-se a sudoeste na colina verdejante e mais aristocrática do Pacaembu.

Para o sul, o terraço continua a se elevar; modestas avenidas sobem por êle, juntando-se no cimo, na própria espinha do relêvo, na Avenida Paulista, envolvendo as residências outrora faustosas dos milionários do último meio século, num estilo de cassino e de estação de águas. Bem no fim, para leste, a Avenida se inclina para a planície, acima do bairro novo do Pacaembu, onde os palacetes cúbicos se edificam a trouxe-mouxe, ao longo de avenidas sinuosas polvilhadas do azul-violeta dos jacarandás em flor, entre rampas de grama e aterros de argila ocre. Mas os milionários deixaram a Avenida Paulista. Acompanhando a expansão da cidade, desceram com ela para o sul da colina, na direção dos tranqüilos bairros de ruas sinuosas. Suas residências de inspiração californiana, de cimento micáceo e com balaústres de ferro fundido, adivinham-se no fundo de parques cortados em bosquetes rústicos onde se implantam êsses loteamentos para ricos.

Pastagens estendem-se ao pé de edifícios em cimento, um bairro surge como uma miragem, avenidas rodeadas de luxuosas residências se interrompem dos dois lados de ravinas; uma torrente lamacenta aí circula entre bananeiras, servindo ao mesmo tempo de fonte e de esgôto para taperas de pau a pique, onde se encontra a mesma população negra que, no Rio, acampava no alto dos morros. As cabras correm ao longo das encostas. Certos lugares privilegiados da cidade conseguem acumular todos os aspectos. Assim, à saída de duas ruas divergentes que conduzem ao mar, desemboca-se à beira da ravina do rio Anhangabaú, atravessado por uma ponte que é uma das principais artérias da cidade. A baixada é ocupada por um parque no gôsto inglês: canteiros ornados de estátuas e quiosques, enquanto na vertical dos dois taludes se elevam os principais edifícios: o Teatro Municipal, o Hotel Esplanada,

o Automóvel Clube, os escritórios da companhia canadense que fornece a luz e os transportes. Suas massas heteróclitas se afrontam numa desordem imóvel. Êsses edifícios em batalha evocam grandes rebanhos de mamíferos reunidos à tarde em tôrno de um ponto de água, por alguns instantes hesitantes e imóveis; condenados, por uma necessidade mais urgente que o mêdo, a misturar temporàriamente suas espécies antagônicas. A evolução animal se realiza segundo fases mais lentas que as da vida animal; e, se eu contemplasse hoje o mesmo lugar, verificaria, talvez, que o híbrido rebanho desapareceu: esmagado por uma raça mais rigorosa e mais homogênea de arranha-céus, implantados nessas margens que uma autoestrada fossilizou de asfalto.

Ao abrigo dessa fauna pedrenta, a elite paulista, semelhante às suas orquídeas favoritas, formava uma flora despreocupada e mais exótica do que julgava. Os botânicos ensinam que as espécies tropicais comportam variedades mais numerosas que as das zonas temperadas, ainda que cada uma seja, em compensação, constituída por um número às vêzes muito pequeno de indivíduos. O grãfino local era o produto extremo dessa especialização.

Uma sociedade restrita tinha repartido os seus papéis. Tôdas as ocupações, os gostos, as curiosidades justificáveis da civilização contemporânea aí se encontravam, mas cada qual figurada por um único representante. Nossos amigos não eram verdadeiramente pessoas, mas antes funções, cuja lista parecia determinada mais por sua importância intrínseca do que pela sua disponibilidade. Havia, assim, o católico, o liberal, o legitimista, o comunista; ou, em outro plano, o gastrônomo, o bibliófilo, o amador de cães (ou de cavalos) de raça, de pintura antiga, de pintura moderna; e também o erudito local, o poeta surrealista, o musicólogo, o pintor. Nenhuma verdadeira intenção de aprofundar um domínio do conhecimento estava na origem dessas vocações; se dois indivíduos, por causa de uma falsa manobra ou do ciúme, viam-se ocupando o mesmo terreno, ou terrenos diversos mas demasiadamente próximos, não tinham outra preocupação senão a de se destruir um ao outro e punham nisso uma persistência e uma ferocidade notáveis. Em compensação, entre domínios vizinhos, faziam-se visitas intelectuais, e trocavam-se mesuras: cada um interessado não sòmente em defender o seu emprêgo, mas ainda em aperfeiçoar êsse minueto sociológico em cuja execu-

ção a sociedade paulista parecia encontrar um inesgotável deleite.

Deve-se reconhecer que certos papéis eram representados com um brilho extraordinário, devido à combinação da fortuna herdada, do encanto inato e da esperteza adquirida, que tornavam tão deliciosa e tão decepcionante ao mesmo tempo a frequentação dos salões. Mas a necessidade, que exigia que todos os papéis fôssem preenchidos para completar o microcosmo e representar a grande peça da civilização, provocava também alguns paradoxos: que o comunista coincidisse ser o rico herdeiro da feudalidade local, e que uma sociedade, extraordinàriamente guindada, ainda assim permitisse a um dos seus membros, mas a um só — já que era preciso possuir um poeta de vanguarda — sair com a sua amante em público. Alguns figurantes só tinham sido aceitos à falta de coisa melhor: o criminologista era um dentista que havia introduzido na polícia judiciária a moldagem dos maxilares em lugar das impressões digitais, como sistema de identificação; e o monarquista vivia para colecionar espécimes de louça de tôdas as famílias reais do universo: as paredes do seu salão estavam cobertas de pratos, salvo o lugar necessário a um cofre-forte em que conservava as cartas das damas de honra das rainhas manifestando interêsse por suas solicitações domésticas.

Essa especialização no plano mundano ia de par com um apetite enciclopédico. O Brasil culto devorava os manuais e as obras de vulgarização. Em lugar de se vangloriar com o prestígio ainda inigualado da França no exterior, nossos ministros agiriam melhor se tentassem compreendê-lo; desde aquela época, infelizmente, êle já não mais era devido à riqueza e à originalidade duma criação científica enfraquecida, mas ao talento, de que muitos dos nossos sábios ainda eram dotados, de tornar accessíveis problemas difíceis para cuja solução haviam modestamente contribuído. Nesse sentido, o amor consagrado pela América do Sul à França originava-se em parte de uma conivência secreta fundada sôbre a mesma inclinação a consumir e a facilitar aos outros o consumo, mais do que a produzir. Os grandes nomes que se veneravam nesse país: Pasteur, Curie, Durkheim, pertenciam todos ao passado, sem dúvida suficientemente próximo para justificar um largo crédito; mas, dêsse crédito, não mais pagávamos os juros senão em trôco miúdo, apreciado na medida em que uma clientela pródiga preferia gastar a aplicar dinheiro. Nós lhe poupávamos sòmente a fadiga de realizar.

É triste verificar que mesmo êsse papel de corretor intelectual, no qual a França se deixava resvalar, pareça hoje demasiadamente pesado para ela. Somos a êsse ponto prisioneiros de uma perspectiva científica herdada do século XIX, em que cada domínio do pensamento era suficientemente restrito para que um homem munido dessas qualidades tradicionalmente francesas: cultura geral, vivacidade e clareza, espírito lógico e talento literário, conseguisse abraçá-lo por inteiro, e, trabalhando isoladamente, pudesse repensá-lo por sua própria conta e fazer um sistema? Que nos regozijemos ou que o deploremos, a ciência moderna não mais permite essa exploração artesanal. Onde era suficiente um especialista para ilustrar seu país, é necessário um exército, de que não dispomos; as bibliotecas pessoais tornaram-se curiosidades museográficas, mas as nossas bibliotecas públicas, sem locais, sem verbas, sem pessoal especializado e até sem cadeiras em número suficiente para os leitores, afastam os pesquisadores em lugar de serví-los. Enfim, a criação científica representa hoje um empreendimento coletivo e largamente anônimo, para o qual estamos tão mal preparados quanto possível, pois nos ocupamos exclusivamente demais em prolongar além do seu tempo os êxitos fáceis dos nossos velhos "virtuoses". Êstes últimos continuarão por muito tempo a acreditar que um estilo a tôda prova pode remediar à ausência de partitura?

Países mais jovens compreenderam a lição. Nesse Brasil, que conhecera alguns gloriosos êxitos individuais, mas raros: Euclides da Cunha, Osvaldo Cruz, Chagas, Villa-Lobos, a cultura permanecera, até uma época recente, uma distração de ricos. E é por ter essa oligarquia necessidade duma opinião pública de inspiração civil e laica, para contrabalançar a influência tradicional da Igreja e do exército, bem como do poder pessoal, que criou a Universidade de São Paulo, decidindo abrir a cultura a uma clientela mais larga.

Quando cheguei ao Brasil, para participar dessa fundação, considerei — ainda me lembro — a condição humilhada de meus colegas locais com uma piedade um pouco altaneira. Vendo êsses professôres miseràvelmente pagos, obrigados, para comer, a trabalhos obscuros, experimentei o orgulho de pertencer a um país de velha cultura onde o exercício duma profissão liberal era rodeado de garantias e de prestígio. Não previa que, vinte anos mais tarde, meus necessitados discípulos de então ocupariam cátedras universitárias, por vêzes mais nu-

merosas e melhor equipadas que as nossas, servidos por bibliotecas como gostaríamos de possuir.

Vinham, entretanto, de longe, êsses homens e essas mulheres de tôdas as idades, que se comprimiam em nossos cursos com um fervor desconfiado: jovens à espreita dos empregos abertos pelos diplomas que conferíamos; ou advogados, engenheiros, políticos triunfantes, que temiam a próxima concorrência dos títulos universitários, se não tivessem êles próprios a prudência de conquistá-los. Estavam todos minados por um espírito satírico e destruidor, em parte inspirado por uma tradição francesa fora da moda num estilo de "vida parisiense" do século passado, introduzido por alguns brasileiros primos do personagem de Meilhac e Halévy, porém ainda mais, traço sintomático duma evolução social que foi a de Paris no século XIX e que São Paulo (e o Rio de Janeiro) reproduzia então por sua conta: ritmo de diferenciação acelerado entre a cidade e o interior, aquela se desenvolvendo à custa dêste, com a preocupação resultante, para uma população recentemente urbanizada, de se dessolidarizar da ingenuidade rústica simbolizada, no Brasil do século XX, pelo *caipira*, como o fôra em França pelo nativo de Arpajon ou de Charentonneau em nosso teatro de "boulevard". Recorda-me um exemplo dêsse humor suspeito.

No meio de uma dessas ruas quase rurais, embora de 3 ou 4 quilômetros de comprimento, que prolongavam o centro de São Paulo, a colônia italiana mandara elevar uma estátua de Augusto. Era uma reprodução em bronze, tamanho natural, de um mármore antigo, na verdade medíocre, mas que merecia, entretanto, algum respeito numa cidade em que nada mais evocava a história além do último século. A população de São Paulo decidiu, contudo, que o braço erguido para a saudação romana significava: "É aqui que mora o Carlito". Carlos de tal, antigo ministro e político influente, possuía, na direção indicada pela mão imperial, uma dessas vastas habitações térreas, de tijolos e taipa, e recoberta duma camada de cal, acinzentada e descascando há vinte anos, mas onde se pretendera sugerir, por volutas e rosáceas, os fastos da época colonial.

Todos concordaram, igualmente, em que Augusto estava de "short", o que só era humorístico em parte, pois a maioria dos transeuntes ignorava a saia romana. Essas boas piadas corriam a cidade uma hora após a inauguração, e eram repetidas, com grande refôrço de palmadas nas costas, na "soirée

elegante" do cinema Odéon, que se realizava no mesmo dia. Assim que a burguesia de São Paulo (responsável pela instituição duma sessão cinematográfica hebdomadária a preços altos, destinada a protegê-la dos contactos plebeus) se vingava de ter, pela sua incúria, permitido a constituição duma aristocracia de imigrantes italianos, chegados há meio século para vender gravatas nas ruas, e hoje proprietários das mais vistosas residências da "Avenida" e doadores do bronze tão comentado.

Nossos estudantes tudo queriam saber; mas, em qualquer domínio que fôsse, sòmente a teoria mais recente lhes parecia merecer atenção. Embotados por todos os festins intelectuais do passado, que, aliás, só conheciam de oitiva, pois não liam as obras originais, conservavam um entusiasmo sempre disponível para os pratos novos. No seu caso, deveríamos falar mais em moda que em cozinha: idéias e doutrinas não possuíam aos seus olhos um interêsse intrínseco, êles as consideravam como instrumentos de prestígio cujas primícias deviam assegurar-se. Partilhar uma teoria conhecida de outrem equivalia a apresentar-se com um vestido já visto; seria desmoralizante. Em compensação, uma encarniçada concorrência exercia-se com enormes quantidades de revistas de vulgarização, de periódicos sensacionais e de manuais, para obter a exclusividade do modêlo mais recente no domínio das idéias. Produtos selecionados dos haras acadêmicos, meus colegas e eu nos sentíamos às vêzes embaraçados: criados no respeito exclusivo das idéias amadurecidas, éramos alvo dos assaltos de estudantes duma ignorância total com relação ao passado, mas cuja informação estava sempre alguns meses adiante da nossa. Contudo, a erudição, de que não tinham nem o gôsto, nem o método, lhes parecia, apesar de tudo, um dever; assim, suas dissertações consistiam, fôsse qual fôsse o assunto, em uma evocação da história geral da humanidade, desde os macacos antropóides, para terminar, através de algumas citações de Platão, de Aristóteles e de Comte, na paráfrase dum polígrafo viscoso cuja obra era tanto mais encarecida quanto a sua própria obscuridade deixava supor que ninguém mais se lembrara ainda de pilhá-lo.

A Universidade lhes parecia um fruto tentador, mas envenenado. Para êsses jovens que não tinham visto o mundo e cuja condição freqüentemente modestíssima lhes interditava a esperança de conhecer a Europa, éramos trazidos como magos exóticos, por filhos-família duplamente execrados: primeiro, porque representavam a classe dominante, depois por causa da

sua própria existência cosmopolita, que lhes conferia uma superioridade sôbre todos os que tinham ficado na aldeia, mas que os desligara da vida e das aspirações nacionais. Tal como êles, também parecíamos suspeitos; mas trazíamos em nossas mãos os frutos da sabedoria, e os estudantes se afastavam e nos cortejavam, alternadamente, ora seduzidos, ora rebeldes. Cada um de nós media a sua influência pela importância da pequena côrte que se organizava à sua volta. Essas clientelas travavam entre si uma guerra de prestígio, da qual os professôres preferidos eram os símbolos, os beneficiários ou as vítimas. Isso se traduzia por *homenagens*, isto é, por manifestações em honra ao mestre, almoços ou chás oferecidos à custa de esforços tanto mais tocantes quanto deixavam supor privações reais. As pessoas e as disciplinas flutuavam durante essas festas como valores de bôlsa, em razão do prestígio do estabelecimento, do número de participantes, da condição das personalidades mundanas ou oficiais que concordavam em comparecer. E como cada grande nação tinha em São Paulo a sua embaixada em forma de loja: o Chá inglês, a Confeitaria vienense, ou parisiense, a Cervejaria alemã, intenções tortuosas se exprimiam assim, conforme uma ou outra tivesse sido escolhida.

Que todos os que lançarem os olhos nestas linhas, encantadores discípulos, hoje colegas estimados, não sintam nenhum rancor. Pensando em vós, de acôrdo com o vosso uso, por vossos prenomes tão estranhos para um ouvido europeu, mas cuja diversidade exprime o privilégio que foi ainda o de vossos pais, de poder livremente, entre tôdas as flôres duma humanidade milenar, escolher o fresco ramalhete da vossa: Anita, Corina, Zenaide, Lavínia, Taís, Gioconda, Gilda, Oneida, Lucília, Zenith, Cecília; e vós, Egon, Mário Wagner, Nicanor, Ruy, Lívio, James, Azor, Aquiles, Décio, Euclides, Mílton; é sem ironia que evoco êsse período balbuciante. Muito pelo contrário, porque êle me ensinou uma lição: a da precariedade das vantagens conferidas pelo tempo. Pensando no que então era a Europa e no que ela é hoje, aprendi, vendo-vos transpor em poucos anos uma diferença intelectual que se poderia supor da ordem de muitas décadas, como morrem e como nascem as sociedades; e que essas grandes subversões da história, que parecem, nos livros, resultar do jôgo de fôrças anônimas agindo no coração das trevas, podem também, num claro instante, realizar-se pela resolução viril dum punhado de crianças bem dotadas.

QUARTA PARTE

A TERRA E OS HOMENS